

## A ITACOATIARA DO INGÁ PEDE SOCORRO

*Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos – SBE 1228*

Em recente visita a Pedra do Ingá juntamente com o fotografo e espeleólogo francês, Marcus Barboza, deparei-me, como de costume, com uma situação que considero como trágica; pois estamos tratando de um dos sítios arqueológicos de arte rupestre mais conhecidos do mundo.

Recentemente, juntamente com o prof. Dr. Márcio Mendes (paleontólogo da UEPB), realizamos a recuperação do material fóssil do pequeno museu de Paleontologia ali existente. Para minha surpresa e do espeleólogo Marcus Barboza, nos deparamos com o material em péssimo estado de conservação, sem que a prefeitura local responsável pela manutenção da área, realizasse alguma atividade para salvaguardar as peças fósseis do contato direto das mãos dos turistas e curiosos mal informados que visitam o local, sendo que a maioria deles faz uso daquele ambiente para o consumo de bebida alcoólica e outras práticas danosas ao local.

Recentemente, nos foi repassado um fêmur de Preguiça Gigante para um novo processo de restauro, pois o mesmo fora quebrado por um visitante, que o pegou nas mãos, deixando-o cair e esfarelar-se ao chão.

Nos últimos meses, o IPHAN doou ao local cordas e pequenos barretes para isolar a área onde se encontram principais painéis com gravuras rupestres. Para nosso desencanto, encontramos cordas ao chão, bem como as placas, também, doadas pelo IPAHN, avisando aos visitantes da proibição do acesso aos painéis rupestres. A maioria das placas foram quebradas pelos ilustres visitantes.

A meu ver, falta um trabalho de Educação Patrimonial na área e uma maior fiscalização por parte dos órgãos competentes. Como a coisa anda (ou seja, não anda), em poucos anos nossos descendentes não terão a mínima chance em vislumbrar as famosas gravuras da Pedra do Ingá. As mesmas serão contempladas nos velhos livros de História ou em alguma fotografia tirada por algum visitante em tempos remotos.



## FÓSSEIS DE MARSUPIAIS DESCOBERTOS EM CAVERNA NO OUTBACK

Cientistas descobriram uma caverna recheada de fósseis de marsupiais pré-históricos de 15 milhões de anos atrás na região do Outback, o deserto da Austrália. Essa foi uma rara descoberta que revelou similaridades surpreendentes entre as criaturas e os cangurus e coalas modernos. A notícia foi divulgada pelo Journal of Vertebrate Paleontology.

“(A descoberta) é extraordinariamente excitante para nós”, declarou o paleontologista da Universidade de Nova Gales do Sul Mike Archer, co-autor do artigo. “Ela nos abre uma janela para um passado da Austrália a que nós simplesmente não tínhamos acesso. E nos traz um entendimento adicional sobre um dos mais estranhos animais que você pode imaginar.”

Os pesquisadores desenterraram da caverna um verdadeiro tesouro de fósseis bem preservados, incluindo 26 crânios de um marsupial extinto chamado *Nimbadon lavarackorum*. O tamanho dessa criatura se assemelha ao de uma ovelha com garras gigantes. Como os animais terminaram lá permanece um mistério.

A descoberta de um grupo tão extenso de marsupiais juntos sugere que os animais andavam em bandos, como os cangurus modernos, disse o paleontologista Karen Black, que lidera o time de pesquisadores.

Os fósseis de *Nimbadon* incluem crânios de filhotes ainda na bolsa de suas mães, permitindo que os pesquisadores estudem o desenvolvimento desses animais, que se assemelha bastante com o dos cangurus atuais. Os crânios revelam que os ossos da parte da frente da cabeça se desenvolvem rapidamente, o que permite que os bebês amamentem ainda bastante jovens.

Desde 1990, os cientistas estiveram escavando na região, no campo de fósseis Riversleigh, em World Heritage, no norte do estado de Queensland. Em 1993, descobriram o primeiro crânio de *Nimbadon*. Os especialistas ficaram surpresos com a boa preservação dos fósseis e com a quantidade deles encontrada.

<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia>

## 'HOMENS DAS CAVERNAS' ACOMPANHAM A VOLTA DA FRANÇA



Com rostos pintados e roupas "pré-históricas", um grupo de torcedores acompanhou de perto a 15ª etapa da Volta da França.

Eles chamaram a atenção a passagem pela caverna Mas d'Azil, durante o percurso entre Pamiers e Bagneres-de-Luchon, de 187km.

O francês Thomas Voeckler chegou na frente na etapa desta segunda, mas o espanhol Alberto Contador assumiu a primeira colocação no geral.

GLOBOESPORTE.COM

Torcedor acompanha a etapa da Volta da França (Foto: AFP)

## O UNIVERSO DENTRO DA CAVERNA

por Yale Gontijo

O diretor mineiro Cao Guimarães nunca pensou em ser artista plástico ou documentarista. Mas, como gostava de estabelecer investigações relacionadas com a imagem, acabou enveredando pelos dois campos. "Eu queria ser cineasta e fazer um trabalho de cinema artístico, plástico", lembra Guimarães. O realizador acabou ficando conhecido pelo belo trabalho estético estabelecido em documentários como *Acidente e Andarilho*.

Mas, seu longa-metragem de estreia *A alma do osso* foi pouco visto no país. "É o tal negócio. Em qualquer outro país, um filme que tenha ganhado dois prêmios no *É tudo verdade!* (principal festival de documentários da América Latina) teria sido exibido nos cinemas. No Brasil, não entrou em cartaz. Ele é objeto de curiosidade acadêmica", lamenta Guimarães. "Esse é um filme barato. Nós não tínhamos verba. Não é um filme fácil. É radical, com investigações de linguagem", admite o realizador.

Pela primeira vez o filme finalizado em 2004, alcança agora o circuito comercial de cinema em Brasília. A Secretaria de Cultura do Distrito Federal confirmou ontem que o filme começará a ser exibido a partir de hoje, no Cine Brasília, em sessões às 21h.

Registro das atividades diárias de Dominginhos da Pedra, homem que abandonou a civilização e foi viver em uma caverna perdida no interior de Minas Gerais há 41 anos é um belo ensaio silencioso sobre a condição humana. Mas, que exige paciência para contemplação. A primeira fala do filme só acontece depois dos 40 minutos de duração. "Não tenho paciência com essa coisa da entrevista. Não sou jornalista. Meus filmes se expressam mais pelo não dito do que pelo dito. Também não me interessa por essa diferenciação entre ficcional e documental. Meus filmes têm um tempo fílmico parecido com os do Tarkovski e o Antonioni", define o diretor.

Frequentemente associado ao trabalho dos cineastas mineiros do coletivo Teia, Guimarães faz questão de esclarecer as diferenças. "Não tem movimento nenhum aqui em Minas. Existem grupos de pessoas que estão fazendo filmes diferentes. Quando falam do cinema do Rio de Janeiro e São Paulo chamam de cinema nacional. Quando é de Minas Gerais, Rio grande do Sul ou outro estado fora do eixo Rio-São Paulo, aí é um grupo de cineastas que fazem cinema igual", defende-se.

<http://www.correiobrasiliense.com.br>

## ARQUEÓLOGOS ENCONTRAM ESQUELETO DE 5 MIL ANOS EM CAVERNA



Os arqueólogos acreditam que o esqueleto encontrado em Burgos tenha cerca de 5 mil anos (Foto:Reuters)

Arqueólogos anunciaram em 25 de junho de 2010 a descoberta de um esqueleto de uma mulher com cerca de 5 mil anos.

Os cientistas afirmam que os restos mortais foram encontrados durante escavações na montanha Atapuerca, em Burgos, no norte da Espanha.

Ainda de acordo com os cientistas, o esqueleto foi enterrado na caverna El Mirador, durante a Idade do Bronze.

<http://noticias.terra.com.br/>

## O SAPATO MAIS ANTIGO DO MUNDO

Por Pam Belluck



Perfeitamente preservado sob camadas de estrume de ovelha (quem precisa de armários de cedro?), o sapato, feito de couro de vaca e envernizado com óleo de uma planta ou legume, tem cerca de 5500 anos de idade - mais antigo que Stonehenge e as pirâmides do Egito, dizem os cientistas. Os atacadores de couro cruzam-se por vários ilhós também de couro, e foi usado no pé direito; não há sinal do sapato do pé esquerdo.

Embora se assemelhe mais a um sapato de sola suave da L. L. Bean que a qualquer coisa feita por Jimmy Choo, "estes sapatos eram, provavelmente, muito caros, feitos de couro de alta qualidade", diz Gregory Areshian, um dos principais responsáveis do Instituto Cotsen de Arqueologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

Serviam a um homem pequeno ou a um adolescente, mas é mais provável que tivessem sido usados por uma mulher que calçasse 39. De acordo com o site [www.celebrityshoesize.com](http://www.celebrityshoesize.com), ficaria largo a Sarah Jessica Parker, cujos Manolo Blahnik são 38 e meio, e apertados a Sarah Palin, que, durante a campanha eleitoral de 2008, calçou sapatos vermelhos Double Dare da Naughty Monkey tamanho 40. O sapato foi descoberto por cientistas que escavavam uma gruta enorme na Arménia e faz parte de um tesouro de artefactos que os especialistas dizem transmitir informações sem precedentes sobre uma era importante e pouco documentada: o calcolítico ou a Idade do Cobre, quando se pensa que os seres humanos inventaram a roda e domesticaram o cavalo, por exemplo.

Juntamente com o sapato, a gruta, designada Areni-1, oferece provas de uma operação antiga de fabrico de vinho e cachos do que poderão ser os mais antigos frutos secos de sempre: eram alperces, uvas e ameixas. Os cientistas, financiados pela National Geographic Society e outras instituições, encontraram também as caveiras de três adolescentes ("subadultos", em linguagem arqueológica) em vasos de cerâmica, o que sugere a existência de práticas rituais ou religiosas; uma caveira, afirma Areshian, continha até tecido cerebral ressequido bem mais antigo que o sapato, com cerca de 6 mil anos.

"É uma espécie de momento ao estilo de Pompeia, mas sem o fogo", diz Mitchell Rothman, antropólogo e especialista em calcolítico da Universidade de Widener, que não esteve envolvido na expedição. "O sapato é muito interessante, e é certamente algo que sublinha as descobertas inacreditáveis ali feitas. O mais importante é o significado do local. Temos a transição para o mundo moderno, precursora de reis, rainhas, burocratas, de tudo o que viria a acontecer.»

Anteriormente, o sapato mais antigo pertencia a Oetzi, o Homem de Gelo, uma múmia descoberta há 19 anos nos Alpes, perto da fronteira da Áustria com a Itália. Os seus sapatos, cerca de 300 anos mais modernos que o sapato arménio, tinham sola de pele de urso, eram almofadados com pele de veado, rede de cortiça e tinham meias de relva. Há calçado ainda mais antigo que o sapato de couro, com exemplos encontrados no Missouri e no Oregon, mas feito principalmente de fibras de plantas.

A descoberta do sapato arménio, comunicada na quarta-feira no PLoS One, um diário online, foi feita por baixo de uma das várias câmaras da gruta, quando uma estudante arménia de doutoramento, Diana Zardaryan, reparou num pequeno buraco com ervas. Quando enfiou a mão tocou em dois chifres de ovelha, depois numa tigela partida virada ao contrário. Debaixo de tudo isto estava o que parecia "uma orelha de vaca", recorda. "No entanto, quando puxei para fora pensei: 'Meu Deus, é um sapato!' Encontrar um sapato foi sempre o meu sonho.»

Como a gruta foi utilizada por civilizações posteriores - a mais recente foi a dos mongóis do século XIV - "pensei que o sapato tivesse 600 ou 700 anos", afirma Areshian, que acrescentou: "Um sapato mongol teria sido excelente." Quando vários laboratórios distintos dataram o couro de 3653 a 3627 a. C., "não queríamos acreditar que um sapato pudesse ser tão antigo", diz. O sapato não foi deitado fora mas, por razões pouco claras, acabou por ser deliberadamente posto no buraco, que por sua vez foi cuidadosamente forrado com barro amarelo. Embora os cientistas digam que o sapato foi enchido com relva, para manter a forma, foi claramente usado. "Podemos ver as marcas no dedo grande", afirma outro líder da equipa, Ron Pinhasi, arqueólogo da Universidade de Cork, na Irlanda, para quem o sapato se assemelha aos velhos pampooties irlandeses, que eram chinelos de couro. "Enquanto foi usado, alguns dos ilhós foram rasgados e depois reparados.»

Pinhasi diz que a gruta, descoberta em 1997, parece ter sido utilizada principalmente por "pessoas de estatuto elevado, pessoas que tinham poder", para armazenar a colheita e os objectos rituais daquela comunidade do calcolítico. Porém, também lá viviam pessoas comuns, possivelmente zeladores, o que providenciava, diz Areshian, o equivalente calcolítico do estacionamento personalizado. Foram encontradas muitas ferramentas de vidro vulcânico, cuja fonte mais próxima se situa a quase 100 quilómetros (talvez fosse por isso que precisavam de sapatos, sugere Areshian).

"É um manancial de riqueza porque o estado de preservação é fantástico", afirma Adam T. Smith, um antropólogo da Universidade de Chicago que fazia uma investigação distinta na gruta. Distinguir os objectos do calcolítico dos artefactos de civilizações posteriores foi complicado. "Ainda não estamos inteiramente certos em relação à cronologia de todas as descobertas", diz. "O sapato é de certo modo a ponta do icebergue.»

<http://www.ionline.pt/conteudo/65255-o-sapato-mais-antigo-do-mundo-foi-finalmente-levantado-do-cao>

Por Renato Alves

O interior de Minas Gerais guarda um tesouro arqueológico inexplorado. Trata-se de um fóssil humano, provavelmente com 11 mil anos. Ele está enterrado a 2 metros da superfície, próximo à Gruta Rei do Mato, em Sete Lagoas, a 600km de Brasília. Um dos mais antigos e raros exemplares dos primeiros habitantes do país agora tem chance de ser resgatado por meio da criação de um roteiro turístico que inclui os sítios arqueológicos próximos a Belo Horizonte. O projeto deve sair do papel neste ano e inclui escavações em território setelagoano, onde há ainda ossadas de animais pré-históricos.

Em importância arqueológica, o fóssil de Sete Lagoas é comparável a Luzia, o crânio de 11,5 mil anos, o mais antigo das Américas, encontrado em 1975. O crânio é um achado da missão arqueológica franco-brasileira chefiada pela francesa Annette Laming-Emperaire (1917-1977). Ele estava a 60km de Sete Lagoas, em uma gruta de Lagoa Santa, nos arredores da capital mineira. O crânio levantou dúvidas sobre a Teoria de Clóvis, pois pertence a uma mulher com características polinésias e negroides, indicando que deve ter havido alguma forma de povoamento vindo do Pacífico Sul ou da África.

Perto do aeroporto de Confins, a Lapa Vermelha, onde os arqueólogos encontraram Luzia há quase 35 anos, ficou famosa mundialmente pelos trabalhos do naturalista dinamarquês Peter Lund (1801-1880). Lá, ele descobriu, entre 1835 e 1845, milhares de fósseis de animais extintos, além de 31 crânios humanos em estado fóssil. "O fóssil de Sete Lagoas deve ter de 10 mil a 11 mil anos, a mesma idade de Luzia ou desses crânios encontrados por Lund", explica Cástor Cartelle, professor e curador de paleontologia do Museu de Ciências Naturais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Cartelle fez parte do grupo de cientistas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que, por meio de sondagens, descobriu o fóssil humano em Sete Lagoas no início da década de 1990. A equipe era chefiada pelo arqueólogo André Prous, que 20 anos antes havia participado da descoberta de Luzia. "Na Grutinha (a menos de 50m da entrada da Gruta Rei do Mato) de Sete Lagoas, identificamos um sepultamento, um enterramento humano. Mas nunca tivemos oportunidade de escavá-lo, por falta de recursos financeiros e de tempo", conta Cartelle, hoje com 71 anos.

Pinturas rupestres - Na mesma expedição em que identificaram o fóssil, os pesquisadores da UFMG encontraram pinturas rupestres na Grutinha. "Essas pinturas são como mensagens diretas vindas daqueles primitivos habitantes que chegaram até nós", explica Cartelle. As interpretações que delas se fizeram eram as mais variadas: sinais descritivos, símbolos, batalhas, magia, lugares de pouso ou sepultamento. Enfim, registros dos primeiros habitantes da região.

Entusiasmados com a importância arqueológica dos achados, Cartelle e André Prous, na época, propuseram à Prefeitura de Sete Lagoas a criação de um museu de Ciências Naturais na cidade. No entanto, os políticos locais ignoraram o projeto. Vinte anos depois, os pesquisadores apostam em um projeto do governo mineiro para resgatar o fóssil de Sete Lagoas e preservar outros sítios arqueológicos do estado. A criação de espaços com as obras descobertas em escavações será um dos atrativos da Linha Lund, um dos roteiros do Circuito Turístico das Grutas de Minas Gerais.

Turismo e ciência - A Linha Lund, que integra o projeto Conservação do Cerrado e Recuperação da Mata Atlântica do governo de Minas, busca proporcionar uma viagem ao conhecimento científico. Com 120km de extensão, a linha terá seu marco inicial no Museu de Ciências Naturais da PUC-MG, passando pelo Parque Estadual do Sumidouro, pelas grutas da Lapinha (Lagoa Santa) e Rei do Mato, e a chegada na Gruta de Maquiné (Cordisburgo).

Nesse percurso, o visitante terá a oportunidade de conhecer e se aprofundar sobre a importância científico-cultural da região de Lagoa Santa, rica em biodiversidade, em arqueologia, paleontologia e espeleologia. Com investimentos previstos de R\$10 milhões, a Linha Lund deve ser implantada até o fim do ano que vem, com os receptivos turísticos das Grutas da Lapinha, Rei do Mato e Maquiné e o Museu dos Primeiros Americanos no Parque Estadual do Sumidouro.

Ocupação da América

A Teoria de Clóvis é a mais aceita pelos cientistas para explicar a ocupação da América. A ideia central da teoria é que os primeiros americanos, vindos da Sibéria, tenham atravessado o Estreito de Bering e chegado ao Alasca há cerca de 11,5 mil anos. A travessia foi possível pois a Terra sofria efeitos da Última Glaciação e o rebaixamento dos oceanos criou um caminho entre a Europa e a América.

# Foto da leitor

ZOOMORFO EM ABRIGO DO MONUMENTO NATURAL GRUTA REI DO MATO, SETE LAGOAS, MG



Foto: Rose Lane Guimarães

Antes de imprimir  
pense na sua  
responsabilidade  
com o meio  
ambiente

**VENHA PARA  
O MUNDO DAS  
CAVERNAS**

**Filie-se à SBE**

**Sociedade Brasileira de Espeleologia**



Clique aqui para  
saber como se tornar  
sócio da SBE

Tel. (19) 3296-5421

Filiada à



União Internacional  
de Espeleologia



FEALC-Federação Espeleológica  
da América Latina e Caribe

## EXPEDIENTE

**SBE** *Antropoespeleologia* é uma publicação eletrônica da

**SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia.**

Telefone/fax. (19) 3296-5421. Contato: [historia@sbe.com.br](mailto:historia@sbe.com.br)

Comissão Editorial: Luiz Eduardo P. Travassos (Coordenador),

Isabela Dalle Varela e Rose Lane Guimarães.

Revisão: Delci Kimie Ishida

Todas as edições estão disponíveis em [www.sbe.com.br](http://www.sbe.com.br)

A reprodução deste é permitida, desde que citada a fonte.